

E O VERBO FEZ-SE CARNE

“O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida (...) isso vos anunciamos. (...) Escrevemo-vos isto para que a nossa alegria seja completa.” (1Jo 1, 1-4)

Encarnação – o mistério e o espanto

Ao longo de todo o Tempo de Natal, somos convidados a ler S. João, começando pelo prólogo do seu Evangelho, e terminando na sua Primeira Carta. Porquê a leitura de um evangelista que não nos narra o nascimento de Jesus? Não há, em João, um estábulo, uma estrela, pastores ou magos. Não há a anunciação a Maria, ou os sonhos de José. O que tem João de tão especial, para ser lido neste tempo litúrgico?

João escreveu quando já vários relatos da história de Jesus circulavam nas comunidades cristãs. Já não era necessário narrar os acontecimentos do Natal, mas era preciso que os cristãos crescessem na certeza de que aquele Homem – um de nós –, que nascera no Presépio e morrera na Cruz, era verdadeiramente Deus. João nunca recuperou do espanto que a convivência com Jesus nele gerou. Deus, Aquele que existia desde o princípio, Aquele que é a Luz e a Vida dos homens, *Deus encarnou e habitou entre nós (Jo 1, 14)*, deixando-Se tocar, ver, ouvir por nós! Aquele que os céus não podem conter tinha comido e bebido com ele! E ele tinha mesmo podido reclinar a cabeça sobre o seu peito! João beliscava-se para ter a certeza de que não fora um sonho. Só o Altíssimo Se pode tornar assim o Baixíssimo, só Deus Se pode tornar o Próximo de cada homem! Foi, portanto, para que também nós experimentássemos este êxtase e partilhássemos deste espanto diante dos detalhes do amor divino, que João decidiu escrever.

Nós, Jesus!

As Famílias de Caná aprendem desde logo a fazer uma brevíssima oração: “Nós, Jesus!” Ao longo de todo o dia, num ato de contemplação, de gratidão ou de súplica, exclamamos com a profunda certeza da presença de Deus: “Nós, Jesus!” Porque pelo mistério da encarnação, nunca mais ficámos sós. Ele está sempre no meio de nós, em nossa casa e nas circunstâncias da nossa vida. Acolhemo-l’O em cada sacramento da Igreja, escutamo-l’O na oração e na meditação das Escrituras, podemos reclinar a cabeça sobre o seu peito, como João. Precisamos de crescer na consciência da Presença Real de Deus junto de nós, se queremos ser santos.

O que vimos, o que ouvimos, o que tocámos, o que contemplamos

Mas S. João não nos fala apenas desta presença invisível de Deus entre nós. João fala-nos de um Deus que podemos experimentar com os nossos cinco sentidos. João diz-nos que podemos, hoje também, ver, tocar, ouvir, contemplar, amar Deus feito Carne: *“A Deus nunca ninguém O viu; se nos amarmos uns aos*

outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou à perfeição em nós. (...); pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.” (1Jo 4, 12.20) O que João nos está a dizer é que, amando o irmão, também nós podemos fazer a experiência de Deus que ele fez. Só através do irmão é que a nossa oração – *Nós, Jesus!* – se torna verdadeiramente comunhão com o Senhor que Se fez Carne.

A família, mistério da encarnação

Diz Fulton Sheen: “*Na Encarnação, ‘o Verbo fez-Se Carne e habitou entre nós’; na família, ‘o nosso amor faz-se carne e habita entre nós’.*” E conclui: “*Todo o amor culmina na encarnação, até o amor de Deus.*” (Fulton Sheen, *Three to Get Married*)

Graças ao mistério da encarnação, cada filho que nos é dado é também Emanuel, Deus connosco. E se nenhum filho nos for dado – sem culpa nossa -, então o Emanuel está connosco pela submissão à vontade de Deus, submissão que se torna uma encarnação não gozosa, mas dolorosa do amor dos esposos.

Seremos capazes, neste novo ano, de aperfeiçoar a forma como olhamos para o nosso esposo, os nossos filhos, os nossos pais, os nossos irmãos, e ver neles o próprio Verbo divino que Se fez Carne? Seremos capazes de nos deixarmos possuir, como João, pelo espanto diante do milagre diário em nossa casa?

Este bebé ainda no útero, que me cansa, mas que já é a minha alegria; esta criança que ainda agora nasceu, mas por quem eu já seria capaz de morrer; este adolescente que me enfrenta à procura da sua identidade, mas que tenho orgulho em ver crescer, é o Bebé da Visitação e de Belém, a Criança de Nazaré, o Adolescente no Templo de Jerusalém, o Jovem Divino que se submeteu a seus pais até aos trinta anos.

Este esposo difícil, infiel ou exigente, ou este esposo fiel, alegre e companheiro, é a Carne do Único Esposo da minha alma, Aquele que desceu dos céus para me vir resgatar do lodaçal.

O pai ou a mãe que me deram a vida e me educaram, mas que por vezes me exasperam, como S. Paulo reconhece (cf. Col 3, 21), são a imagem de Deus Pai e Mãe, que nunca me abandona nem esquece.

O irmão com quem brigo tantas vezes, mas de quem me torno o guarda assim que algo acontece, é o próprio Cristo que cresce a meu lado e me desafia, por oposição ou por aceitação, a crescer com Ele.

Deus encarnou realmente, e habita aqui em casa – *Nós, Jesus!* - revelando-Se e ocultando-Se em cada membro da família, por mistérios de alegria ou de dor, de luz ou de glória. ***Isso vos anunciamos!*** Isso queremos anunciar ao mundo, esse mundo que se tem empenhado em destruir a mais bela imagem da Trindade sobre a Terra, a família. ***Escrevemo-vos isto para que a nossa alegria seja completa.*** Ámen!